

Promover o pensamento crítico

Entrevista a Caroline Dominguez

Professora Auxiliar na área da Gestão Empresarial/Industrial no Departamento de Engenharia da UTAD, coordena o grupo pluridisciplinar sobre pensamento crítico e criativo da UTAD (webPACT) desde 2012. Investigadora do CIDTFF e do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento), participa em projetos nacionais e internacionais, liderando em particular o projeto de inovação pedagógica "Pensamento Crítico em Rede no Ensino Superior" financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e o projeto europeu *Crithinkedu: Critical Thinking Across the European Higher Education Curricula*



Sara Silva (sarasilva5791@escolasaopedro.pt)

Escola Secundária São Pedro de Vila Real, Portugal

Filipa Lisboa (filipalisboa5869@escolasaopedro.pt)

Escola Secundária São Pedro de Vila Real, Portugal

Teresa Maria Morais (morais.tm@sapo.pt)

Escola Secundária São Pedro de Vila Real, Portugal

Introdução

Caroline Dominguez, professora da UTAD e coordenadora de projetos de desenvolvimento do pensamento crítico no ensino superior, foi convidada pela professora bibliotecária da Escola Secundária São Pedro de Vila Real, Teresa Morais, para uma entrevista sobre os seus projetos na área do pensamento crítico e particularmente sobre a sua importância para a formação de cidadãos ativos e informados. Sendo também parceira da biblioteca no desenvolvimento do projeto “Desenvolver o pensamento crítico e as literacias digitais”, foi nessa qualidade que as alunas do 11.º ano Sara Monteiro e Filipa Lisboa a entrevistaram no espaço da nossa biblioteca. O projeto de desenvolvimento do pensamento crítico e das literacias digitais é um projeto da Biblioteca da Escola Secundária São Pedro de Vila Real em parceria com a Biblioteca da UTAD e com o grupo de desenvolvimento do pensamento crítico e criativo – webPACT - da mesma universidade.

Palavras-chave: *pensamento crítico; competências; ensino; bibliotecas.*

Introduction

Caroline Dominguez, UTAD professor and coordinator of critical thinking development projects in higher education, was invited by the librarian teacher at the São Pedro de Vila Real Secondary School, Teresa Morais, for an interview about your projects in the field of critical thinking and particularly about their importance for training active and informed citizens. Also partnering with the library in the development of the project “Developing critical thinking and digital literacy, It was in this capacity that 11th graders Sara Monteiro and Filipa Lisboa interviewed her in our library space. The project for the development of critical thinking and digital literacy is a project of the São Pedro Secondary School Library of Vila Real in partnership with the UTAD Library and the webPACT critical thinking and creative development group at the same university.

Keywords: *critical thinking; skills; teaching, libraries.*

Pergunta (Sara) - Quem é a professora Caroline Dominguez?

Resposta – Antes de mais, quero dizer que é um prazer estar aqui convosco e termos esta conversa, mais ou menos informal, que vai versar sobre um tema que me é muito caro. Começo por me apresentar, dizendo que sou uma apaixonada pelo **pensamento crítico**. Sou docente na UTAD no Departamento de Engenharias onde leciono disciplinas ligadas à Gestão de empresas, Gestão industrial. Sou mãe de três rapazes, dois deles andaram nesta escola e sou também uma apaixonada pela música.

Pergunta (Filipa) – Sabemos que coordena projetos de desenvolvimento do pensamento crítico. Que projetos são esses?

Resposta – Vou falar de dois grandes projetos. Um, que começou em 2012, reúne vários professores de diferentes escolas e departamentos da UTAD, preocupados em saber como se pode ensinar e aprender o pensamento crítico nas unidades curriculares que lecionam. Este grupo integra professores de Engenharia, Matemática, Psicologia, Ciências da Educação, Linguística, Veterinária, etc. Reunimo-nos para partilhar preocupações, boas práticas, desafios, dificuldades e também fazemos investigação em conjunto. Este é um projeto que eu acarinho muito, é um grupo informal mas que se reúne com muita frequência. É um projeto que me é caro, porque acho que só aprendemos verdadeiramente se partilharmos, se discutirmos as ideias, se nos questionarmos continuamente uns aos outros.

O desenvolvimento do nosso trabalho permitiu-nos apresentar uma candidatura a um programa de Inovação Pedagógica da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Tivemos oportunidade de ter financiamento para realizar um Seminário Internacional, para o qual convidámos pessoas de diferentes países que também estão preocupadas com o desenvolvimento do pensamento crítico na educação. Contactámos personalidades, pensadores contemporâneos que tiveram muito gosto em nos acompanhar na nossa caminhada. Isto foi uma mais-valia, pois enriqueceu muito o grupo. Estou a falar de professores como Robert Ennis, Ronald Barnett, Daniela Halpern e outros que se preocupam muito com o pensamento crítico na educação.

Um segundo projeto resultou da candidatura a fundos europeus, com a duração de 3 anos, sobre *O Pensamento Crítico nos currícula do Ensino Superior*. Este projeto envolveu 11 instituições de Ensino Superior Europeias de 9 países. Durante estes últimos três anos, fomos falar com quase 200 profissionais das diversas áreas, desde Biomédicas, Engenharias, Ciências Sociais e Humanidades, com o intuito de saber se consideram útil que os alunos, ao saírem das universidades para o mundo do trabalho sejam capazes de pensar criticamente, saber se é importante para os empregadores, terem pensadores críticos. Ao mesmo tempo fizemos uma espécie de categorização das competências e disposições de pensamento crítico que os empregadores acham importantes. Por exemplo, saber se para um médico, um engenheiro, um professor, é importante saberem argumentar, analisar, avaliar, questionar, etc. De seguida, fomos ver se os professores nas Universidades estavam a promover nos seus alunos estas competências. Será que, como professores, estamos a responder ao que a sociedade nos pede? O que acham? O que é que a vossa intuição vos diz?

Sara e Filipa – Talvez não.

Resposta – Pois, têm toda a razão, ou seja, pela literatura que lemos, pelos inquéritos que fizemos, demos conta de que há professores que se interessam por este assunto, que há estratégias específicas que podemos usar nas nossas aulas, mas que os professores precisam de ajuda para as concretizar. Penso que no ensino não superior acontecerá a mesma coisa. Preparam-se os alunos para dar as respostas certas mas não para questionar.

Quando vimos que havia uma discrepância entre o que a sociedade pede, não só os empregadores, também a sociedade com os problemas complexos e prementes que põem em causa a nossa sobrevivência – se uma pessoa não sabe fazer as escolhas certas, nesta altura, corremos o risco de pôr em causa a nossa sobrevivência, nomeadamente nas questões do ambiente – além disso, as mudanças são tão aceleradas que se não conseguimos pensar sobre elas vamos ser completamente ultrapassados. Então, para que os estudantes sejam futuros profissionais ativos que saibam transformar a sua profissão para o bem-estar do planeta, é preciso o pensamento crítico. Face a este diagnóstico, decidimos fazer um curso de pensamento crítico para professores. Testámo-lo em Roma com 70 professores e já o replicámos na UTAD em duas edições. Este curso está a ser requisitado por várias universidades do país. Realizamos também o *Dia do Pensamento Crítico* na UTAD para sensibilizar professores e alunos. Aliás, a vossa turma marcou presença.

P (Sara) – Então o facto de os professores aderirem a esses cursos quer dizer que sentem como importante promover o pensamento crítico com os seus alunos?

R – Sim, e isso vai na linha do que o Fórum Económico Mundial e do que a própria OCDE põem em relevo, colocando o pensamento crítico nas suas agendas e têm projetos para o seu desenvolvimento. Os professores estão insatisfeitos com o tipo de aulas que dão e querem melhorar.

Sara – Eu falo por mim, como aluna, acho que as aulas por vezes são muito monótonas e perdemos o interesse e a atenção, enquanto na aula de filosofia, como desenvolvemos muito o nosso pensamento, estamos mais envolvidos nas aulas.

Caroline – O que eu noto é que não é fácil trabalhar com alunos que vêm habituados com uma forma mais passiva de aprender. Em geral, querem estar só a olhar e a ouvir porque é mais fácil. Pensar, pensar bem, requer esforço. Pensar, todos nós pensamos, mas pensar com rigor, com clareza, com precisão é mais difícil e isso só se consegue com treino. Refletir criticamente de vez em quando é uma coisa, agora ser pensador crítico exige tempo e treino.

P (Sara) – Como é que acha que os jovens podem desenvolver o pensamento crítico para se tornarem melhores pensadores?

R – É um pouco seguir os preceitos de Sócrates: “conhece-te a ti mesmo”. Nós, como seres humanos, estamos muito sujeitos a enviesamentos, a falhas de raciocínio por preconceitos. Então, devemos parar e suspender o nosso julgamento. Temos de dizer: cuidado, não vou decidir já, vou pensar sobre isso. Depois, é preciso adquirir um processo sistemático de bem pensar. Processo este que se baseia essencialmente no questionamento eficaz. Saber fazer questões que vão ao fundo dos assuntos. Imaginem que estamos a ver um filme, há vários

métodos de análise, eu gosto particularmente do de Paul & Elder que usam uma espécie de *roda dos elementos do pensamento*. Se, de cada vez que estamos perante um problema, uma situação, uma decisão a tomar, se percorrermos esses elementos e o fizermos com clareza, precisão, profundidade e seriedade iremos chegar a uma conclusão com elevado nível de qualidade.

Há outros métodos que partilhamos com os professores nesses cursos de formação para que os implementem nas suas aulas. Por exemplo, nas aulas de Biologia, o que é pensar criticamente em Biologia? Ou em Matemática? Ou História? Há todo um conjunto de questões que Paul & Elder nos ensinam a colocar nas diferentes disciplinas para formar pensadores críticos.

P (Filipa) – Como alunos, somos treinados para tentar chegar ao exame e tirar 20 valores. É isso que nós queremos, entrar na universidade com boas notas. Como fica o desenvolvimento da nossa curiosidade e do nosso pensamento crítico?

R – É isso que tem de mudar, acho que é um atentado à mente humana, que tem essa capacidade fantástica, principalmente na vossa idade com tanta curiosidade e que podia ser muito bem aproveitada. Claro que há professores que têm consciência dessas falhas e estão a tentar mudar, mas é difícil porque também querem que os seus alunos tenham boas notas nos exames. Os alunos memorizam, mas se depois não conseguem mobilizar essa informação numa forma mais complexa para poder interpretar fenómenos biológicos ou físicos, de uma forma interessante e com entusiasmo, acho que falhamos como pedagogos.

P (Filipa) – No decorrer destas anos a promover o pensamento crítico, quais foram os principais ensinamentos que queira partilhar connosco?

R – Tenho aprendido imenso. Estou muito mais consciente de que, por vezes, não estou a pensar criticamente, informo-me antes de tomar qualquer decisão. Aprendi que não é fácil. Pensava que havia assim umas técnicas e tal... e que se as conhecesse seria uma boa pensadora crítica. Mas na verdade é um caminho muito exigente. Tenho aprendido a ser mais paciente, a saber ouvir, a colocar questões que me permitam ter mais empatia com as pessoas. O nosso primeiro instinto é pensarmos que nós é que temos sempre razão, e não é bem assim. Somos egocêntricos. Temos de estar mais atentos, sermos mais críticos face ao que nós próprios pensamos. A humildade é o primeiro passo para ser um pensador crítico. Aprendi que sou influenciável pelo grupo a que pertença, somos sociocêntricos. Também aprendi técnicas para trabalhar com os alunos e que tenho de ser perseverante na sua aplicação, pois muitas vezes os alunos preferem não realizar o esforço de pensar, mas se persistir, vem a recompensa de os verem descobrir todo um potencial que desconheciam ter.

P (Sara) – Hoje, com as novas tecnologias há muita informação, nem sempre fiável, que nos chega todos os dias. Acha que este excesso pode prejudicar o modo como nós pensamos?

R – Sim. Basta vermos como as notícias falsas têm influenciado em vários momentos partidos, eleições, muitas coisas que nem sabemos... sem dúvida. Se não estamos atentos e não soubermos que é necessário escrutinar de forma muito profunda tudo o que nos é servido (que parece que é verdadeiro mas não é), teremos problemas, aliás, já tivemos e vamos tendo...

Penso que é das primeiras coisas a aprender, que é necessário verificar, selecionar a informação, se é fidedigna, mas vocês aqui, têm um projeto para desenvolver essas competências, na vossa biblioteca, certo?

P (Sara) – Sim, é um projeto em que a nossa turma está envolvida, tem como objetivos desenvolver o pensamento crítico e as literacias digitais e temos feito muitas atividades com alguns professores e a professora bibliotecária. Como também está relacionada com este projeto, pode falar-nos da sua experiência?

R – É um projeto que liga as duas coisas, como trabalhar com as novas tecnologias digitais de uma forma crítica. Quando digo crítico é no sentido de aplicar um critério de clareza, rigor, etc. O projeto já vai no 2.º ano e na UTAD temos tentado que os alunos de Engenharia Mecânica do 1.º ano comecem a ligar estas duas vertentes de forma sistemática e questionando sempre o que estão a fazer. Colocamos uma questão que vai nortear todo o semestre e a que os alunos vão responder com a ajuda da *pesquisa guiada*. Esta forma de investigar, em colaboração com a biblioteca, neste caso a Universitária, requer uma forma de trabalhar mais ativa. Os alunos têm de pesquisar, questionar o que pesquisam, discutir, escrever e tudo isto em trabalhos de grupo cooperativos. Tem sido muito proveitoso e estamos a melhorar continuamente. Esperemos que este projeto seja alargado a outros anos de escolaridade, a outros professores, a outras escolas e para isso, vamos pensar em formação para professores do ensino não superior.

P (Caroline) – O que acharam do dia do pensamento crítico na UTAD?

R (Sara) – Toda a turma gostou muito. Nós somos bons alunos, temos boas notas, mas queremos ir além das notas. Também queremos desenvolver as nossas capacidades de pensamento e com este projeto pudemos fazer coisas diferentes, debatemos assuntos em que nunca tínhamos pensado. Gostámos muito.